

TERRITORIALIDADES CHINESAS NO CENTRO DE JOÃO PESSOA, PB: UMA ANÁLISE PRÉ E PÓS PANDEMIA

Marcela Dimenstein¹

UNIESP Centro Universitário (UNIESP)
Cabedelo, PB, Brasil



Gleice Elali²

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)
Natal, RN, Brasil



Enviado em 29 dez. 2023 | Aceito em 27 out. 2024

Resumo: Ao caminhar pelas ruas do centro da cidade de João Pessoa, a grande concentração de estabelecimentos chineses coexistindo com o comércio popular tradicional chama a atenção. Indiscutivelmente, a presença desse grupo migrante é marcante nessa região da cidade. Em razão disso, este artigo objetiva analisar as suas territorialidades a partir da presença e das estratégias utilizadas por chineses no centro da capital paraibana. Metodologicamente, realizaram-se levantamento de dados quantitativos, observação de campo, registro fotográfico e visitas aos estabelecimentos comerciais chineses na região central no período pré e pós-pandemia. A presença dos migrantes chineses ao longo das últimas décadas, além de impactar com elementos culturais que reportam à sua cultura, produziu percepções sociais diversas, as quais instigaram práticas e relações sociais complexas que foram se estabelecendo com a população local e o lugar. Com a chegada da pandemia, houve redução significativa do comércio e da sua presença na região. Concluiu-se que as territorialidades produzidas em ambos os períodos revelam aspectos que corroboram o perfil migratório contemporâneo desse público em nível global. Ademais, exemplificam a efemeridade e os intensos movimentos que marcam a tessitura das territorialidades urbanas, as quais estão em constante rearranjo e conectadas com processos históricos e sociais globais.

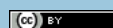
Palavras-chave: Territorialidades. Migrantes. Chineses. Provisoriedade. Pandemia.

CHINESE TERRITORIALITIES IN THE CENTER OF JOÃO PESSOA, PB: A PRE AND POST PANDEMIC ANALYSIS

Abstract: When walking through the streets of the city center of João Pessoa, the large concentration of Chinese establishments coexisting with traditional popular commerce attracts attention. Undoubtedly, the presence of this migrant group is notable in this region of the city. Because of this, this article aims to analyze its territorialities based on the presence and strategies used by Chinese people in the center of the capital of Paraíba. Methodologically, quantitative data collection, field observation, photographic recording and visits to Chinese commercial establishments in the central region were carried out in the pre- and post-pandemic period. The presence of Chinese migrants over the last few decades, in addition to impacting cultural elements that relate to their culture, produced diverse social perceptions, which instigated complex social practices and relationships that were established with the local population and the place. With the arrival of the pandemic, there was a significant reduction in trade and its presence in the region. It was concluded that the territorialities produced in both periods reveal aspects that corroborate the contemporary migratory profile of this public at a global level. Furthermore, they exemplify the ephemerality and intense movements that mark the fabric of urban territorialities, which are in constant rearrangement and connected with global historical and social processes.

Keywords: Territorialities. Migrants. Chinese. Provisionality. Pandemic.

1. Doutora em Arquitetura e Urbanismo, Professora Assistente do Curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário de João Pessoa e do Centro Universitário UNIESP. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0226-8206> e e-mail: mmarcelad@gmail.com
2. Doutora em Arquitetura e Urbanismo, Professora Titular do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5270-4868> e e-mail: gleiceae@gmail.com



TERRITORIOS CHINOS EN EL CENTRO DE JOÃO PESSOA, PB: UN ANÁLISIS PRE Y POST PANDEMIA.

Résumé: Al caminar por las calles del centro de la ciudad de João Pessoa, llama la atención la gran concentración de establecimientos chinos que conviven con el tradicional comercio popular. Sin duda, la presencia de este grupo migrante es notable en esta región de la ciudad. Por eso, este artículo tiene como objetivo analizar sus territorialidades a partir de la presencia y las estrategias utilizadas por los chinos en el centro de la capital de Paraíba. Metodológicamente, en el período pre y pospandemia se realizaron recolección de datos cuantitativos, observación de campo, registro fotográfico y visitas a establecimientos comerciales chinos en la región central. La presencia de inmigrantes chinos durante las últimas décadas, además de impactar elementos culturales que se relacionan con su cultura, produjo diversas percepciones sociales, que instigaron prácticas sociales complejas y relaciones que se establecieron con la población local y el lugar. Con la llegada de la pandemia se produjo una reducción importante del comercio y su presencia en la región. Se concluyó que las territorialidades producidas en ambos períodos revelan aspectos que corroboran el perfil migratorio contemporáneo de este público a nivel global. Además, ejemplifican lo efímero y los intensos movimientos que marcan el tejido de las territorialidades urbanas, que están en constante reordenamiento y conectadas con procesos históricos y sociales globales.

Palabras clave: Territorialidades. Migrantes. Chino. Provisionalidad. Pandemia.



Introdução

Este artigo busca trazer reflexões sobre duas problemáticas contemporâneas em termos do ordenamento urbano-territorial: uma delas refere-se às transformações socioespaciais associadas aos processos migratórios internacionais; a outra versa sobre a presença de certos grupos de migrantes em áreas centrais das cidades. Nessa direção, objetiva-se analisar uma realidade específica no intuito de contribuir para o campo dos estudos urbanos, realidade que diz respeito à presença de chineses e ao modo como ocupam o centro de uma cidade de médio porte, localizada na região Nordeste do Brasil.

Sabe-se que os processos migratórios e seus complexos efeitos têm sido bastante analisados em grandes cidades, em especial, localizadas no hemisfério norte. Contudo, tais processos precisam ser aprofundados em países periféricos do hemisfério sul e em cidades de menor porte, como é o caso de João Pessoa (PB), foco deste estudo. Dessa maneira, propõe-se contribuir com esse campo de debates a partir da análise da presença do migrante chinês no centro da capital paraibana e das territorialidades aí construídas.

Com base em Little (2018), considera-se que territorialidade diz respeito à “relação particular que um grupo social mantém com seu respectivo território” (p. 254). De acordo com o autor, as territorialidades ganham múltiplas expressões, pois incorporam dimensões simbólicas, culturais e identitárias de um povo ou de uma população. Dessa forma, Little (2018) ressalta que “os diversos grupos sociais têm interesses, finalidades, histórias e, claro, territorialidades diferentes e, muitas vezes, divergentes” (p. 278).

Nesse sentido, pretende-se apresentar as estratégias desse grupo migrante para tecer suas territorialidades na cidade. Para tanto, é fundamental identificar o perfil migratório chinês na Paraíba, conhecer as suas dinâmicas de ocupação territorial na cidade e identificar suas atividades econômicas, mapeando seus empreendimentos ao longo da última década. Entretanto, estabeleceu-se neste trabalho um marco para a análise da presença chinesa no centro: até a chegada da pandemia em 2020 e a realidade atual, pós-pandemia.

Anteriormente às interrupções dos fluxos migratórios em 2020 ocasionados pela pandemia da Covid-19, o Brasil vinha sendo procurado como destino por migrantes de origens diversas. O Relatório anual da migração no Brasil realizado pelo OBMigra em 2022, ao considerar todos os amparos solicitados, mostra que o número de migrantes listados no Sistema de Registro Nacional Migratório (SISMIGRA) entre 2011 e 2021 alcançou aproximadamente 1,4 milhão de pessoas. Os grupos populacionais oriundos da Bolívia, Haiti, América do Norte, Argentina, Colômbia, China e Venezuela foram os que registraram mais entradas no país na referida década (CAVALCANTI et al., 2022).

Em relação à capital João Pessoa, nos últimos anos, a mídia proferiu intensamente discursos de valorização da cidade como um local seguro e tranquilo, com ótimos espaços públicos, boas alternativas de moradia e lazer coletivos, que já foram apropriados em níveis nacional e internacional e já fazem parte da lógica de mercado adotada para fomentar a criação de shoppings e condomínios de luxo, espaços que se tornaram cada vez mais valorizados. Não por acaso, a cidade tem sido o destino de milhares de turistas brasileiros e de estrangeiros, principalmente, de pessoas que migram dos grandes centros urbanos e de diversas regiões do Brasil, buscando um local de menor porte para viver, mas que tem características e serviços associados às metrópoles desenvolvidas.

Antes da eclosão da pandemia, era possível observar na capital a presença de grupos étnicos da África, América do Sul, Caribe e Ásia nos mais variados ambientes públicos, nos meios de transporte, no centro da cidade, em bairros estudantis, nas universidades e mercados de bairro etc. Por volta de 2013 e 2014, a presença de um pequeno grupo de chineses na área central começou a se tornar visível, indicando que a cidade já fazia parte das suas rotas comerciais. Desde essa época, desenvolveu-se um interesse em investigar os possíveis impactos dessa ocupação, que cresceu exponencialmente até o início de 2020, em um local histórico da cidade, especialmente nas suas ruas e nos estabelecimentos comerciais.

Para entender esse aumento do fluxo de chineses em João Pessoa na década passada, faz-se necessário remontar a história da migração chinesa para o Brasil, que tem mais de 200 anos e está atrelada a diferentes fases das relações socioeconômicas entre os dois países (SILVA, 2018). Há registro de chineses no país para trabalhar nas plantações de chá no século XIX, dos que vieram para a indústria têxtil no início do século XX e daqueles que se estabeleceram no comércio a partir dos anos 1970. Nos últimos 20 anos, o processo de abertura política da China ampliou as relações comerciais com o Brasil, que se tornou bastante atrativo à migração desse público.

Até 2022, vários estudos foram divulgados sobre os impactos da presença chinesa em diversas cidades brasileiras. Embora a maioria esteja focada na região Sudeste (CUNHA & MELLO, 2006; AMORIM, 2016; COSTA, 2018), principalmente na capital paulistana (WANG, 2014; ESTAMBASSI, 2018; SILVA, 2018), alguns estudos tratam das particularidades da região Nordeste em cidades como Recife, Aracaju, Fortaleza, Salvador e Feira de Santana (NEVES et al, 2022; SILVA, 2008; GÓES et al, 2020; PEREIRA & BRASIL, 2021; FERREIRA, 2016; ALFAYA, 2018; FERREIRA & BOMTEMPO, 2018). Segundo esses autores, fatores como o cenário político nordestino favorável, a crise e a expansão econômica do capital e a saturação espacial para os negócios marcaram a mudança das migrações chinesas dos grandes centros urbanos do Sudeste para o Nordeste.

Apontam que os investimentos feitos impulsionaram o crescimento econômico dessas capitais, inclusive de João Pessoa (PB), que passou a fazer parte dessa rota comercial. Em 2019, o governo paraibano empreendeu uma série de iniciativas em busca de investimentos para o estado. Uma delas foi a visita de uma comitiva paraibana à China com o objetivo de apresentar as potencialidades existentes na região. Além disso, houve o encontro com a consulesa-geral da China

em Recife, Yan Yuqing, para formalização de parcerias voltadas para o ensino do mandarim na Paraíba e o desenvolvimento de projetos conjuntos em várias áreas.

Os migrantes chineses que chegaram a João Pessoa na última década se direcionaram principalmente para atividades comerciais nas ruas de maior destaque na área central, como é o caso da Rua Duque de Caxias e Santo Elias. Segundo o IBGE (2010), o centro de João Pessoa apresenta uma população residente de aproximadamente 3,6 mil pessoas. Contudo, diariamente, a região recebe milhares de pessoas que trabalham, estudam ou fazem compras em um dos mais populares bairros da cidade, tornando-se assim um espaço muito cobiçado para o desenvolvimento de atividades comerciais e de serviços varejistas de cunho popular.

Dessa maneira, a região central da cidade se converteu no local de maior atratividade e fixação dos migrantes chineses, estabelecendo, assim, uma certa territorialidade marcada por suas características culturais e simbólicas, diversidade étnica, tipos de atividades desenvolvidas, modos de trabalho e formas de circulação no espaço urbano, aspectos que se diferenciam de outros grupos de migrantes que ocasionalmente ocupam o centro da cidade.

A proposta deste artigo é apresentar esse cenário destacando o quanto esses migrantes criaram territorialidades específicas e impactaram na paisagem urbana e na imagem do centro de João Pessoa até 2020, já que atualmente essa realidade não é mais tão visível, com muitos dos estabelecimentos comerciais e de serviços fechados ou abandonados na área. Em reportagem realizada pelos jornais locais em 2021³, o diretor da Câmara de Dirigentes Lojistas de João Pessoa afirmou que aproximadamente 200 pontos comerciais chineses e não chineses faliram ou fecharam suas portas nos dois últimos anos. O mais interessante foi o destaque dado na reportagem ao fato de que o fechamento de várias lojas no centro não é fruto apenas da crise gerada pela pandemia, mas também da migração da atividade comercial para outros locais da cidade e, principalmente, para uma nova forma de consumo muito mais vinculada às atividades on-line.

Além de ressaltar como as territorialidades dos chineses no centro de João Pessoa se apresentaram nesse intervalo temporal, o qual foi atravessado por uma pandemia, pretende-se, neste artigo, evidenciar que as territorialidades produzidas no contexto pré-pandêmico e pós-pandêmico revelam aspectos que caracterizam o perfil migratório chinês contemporâneo, aspectos que podem ser igualmente detectados em nível global. Isso significa que as estratégias utilizadas por esse grupo migrante para tecê-las na cidade, assim como de adaptação a essa nova realidade mundial após a pandemia, exemplificam a efemeridade e os intensos movimentos que marcam a tessitura das territorialidades urbanas, as quais estão em constante rearranjo e conectadas com processos históricos e sociais globais. Contudo, como elas guardam relação direta com as características de um grupo social, no caso dos chineses, têm como elementos distintivos a provisoriidade, a mobilidade e a cumplicidade partilhada com seus conterrâneos.

Materiais e Método

Para este estudo, que faz parte de uma tese de doutorado (DIMENSTEIN, 2021), optou-se por realizar uma abordagem mista. Tal estratégia se baseia no entendimento que todos os métodos de investigação têm pontos positivos e negativos, os quais são compensados quando diferentes abordagens são reunidas em torno de um problema de pesquisa.

³ Reportagem disponível em: <https://www.clickpb.com.br/paraiba/fechamento-de-200-lojas-em-joao-pessoa-e-consequencia-do-abandono-do-centro-historico-diz-diretor-da-cdl-301878.html>. Acessado em: 8 ago. 2023.

Adotando esse ponto de vista, no primeiro momento, realizamos uma pesquisa bibliográfica acerca da migração chinesa contemporânea em níveis mundial e local. Nos utilizamos de revistas especializadas em mobilidade humana e temas correlatos como a REMHU, Périplos, Cadernos da ACNUR, etc., mas também de relatórios oficiais disponibilizados pela Organização Internacional das Migrações (OIM) e United Nations Department of Economic and Social Affairs (UNDESA), ambos associados à Organização das Nações Unidas; pelo ObMigra, Centro de pesquisa de cooperação entre o Ministério do Trabalho (MTb), pelo Conselho Nacional de Imigração (CNIg) e Universidade de Brasília (UnB), pelo Censo demográfico, bem como no Sistema de Registro Nacional Migratório (SISMIGRA), um registro administrativo do Departamento de Polícia Federal. Essa pesquisa permitiu afirmar que a migração chinesa é caracterizada por trabalhadores em busca de melhores condições de vida e que desenvolvem atividades vinculadas ao setor terciário, sendo sustentada pela existência de redes de troca/solidariedade que são mantidas por laços de parentesco, patriotismo, reciprocidade e cooperação de crédito.

No segundo momento, realizamos um levantamento de dados quantitativos sobre a migração desse público usando o SISMIGRA, abrangendo o período de 2000 a 2020. Isso nos permitiu criar um perfil migratório do estado da Paraíba ao longo dos últimos 20 anos. Trata-se de uma população majoritariamente masculina e solteira, com idades variando entre 30 e 60 anos, que obteve visto temporário para trabalho e cujas principais ocupações incluem atividades de prestação de serviços (DIMENSTEIN, 2021).

Posteriormente, realizamos observação investigativa, registro fotográfico, levantamento e visita aos estabelecimentos comerciais chineses no centro da cidade. As visitas foram feitas em horários diferenciados, permitindo observar as dinâmicas ao longo do dia. Para identificá-los, consideramos a presença de asiáticos nos estabelecimentos, especialmente na área do caixa; letreiros e produtos com referências chinesas, incluindo nomes, letras e explicações em chinês; e o tipo de produto, geralmente importados. Em alguns casos, os vendedores brasileiros foram questionados sobre a origem de seus padrões. Os trabalhos de campo ocorreram entre 2017 e 2021, com atualização dos dados em abril de 2023. Nesse período, realizamos cinco mapeamentos de estabelecimentos gerenciados por chineses na área de estudo, sendo quatro antes da pandemia e um após.

Vale ressaltar que houve resistência e pouca adesão por parte dos chineses em colaborar com a pesquisa. Contudo, aqueles que consentiram, participaram voluntariamente, por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Portanto, esse conjunto de técnicas permitiu o levantamento de informações valiosas sobre a vivência desse público na cidade e mapear as suas práticas cotidianas, especialmente na região central, favorecendo a compreensão do modo como ocupam e se organizam naquele território. Os principais achados serão mostrados a seguir. Antes, porém, é necessário apresentar o perfil migratório chinês na atualidade, pois guarda relação direta com as territorialidades produzidas na cidade.

O contexto migratório chinês: do global ao local

Segundo Goodkind (2019), da China parte atualmente uma enorme corrente de migrantes que se espalham por todo o planeta. A sua população de migrantes é composta, principalmente, por homens, com idades variando entre 15 e 64 anos, que intencionam trabalhar ou estudar em outros países. É importante destacar que nas últimas décadas a China também tem recebido grande contingente populacional vindo de outros países. Esse fato está relacionado com o perfil de

desenvolvimento econômico adotado a partir da década de 1970, no governo de Deng Xiaoping, quando começa a realizar uma transição para uma economia estratégica de mercado com liberação e regulação estatal, com base em reformas econômicas que buscavam modernizar o país, introduzindo elementos do capitalismo dentro do socialismo chinês. É nesse período que são criadas as Zonas Econômicas Especiais (ZEEs), que receberam vários tipos de incentivos fiscais e investimentos que funcionaram como impulsionadores das exportações, gerando emprego e elevando o nível das tecnologias existentes (RAMOS, 2016).

Esse vertiginoso crescimento acabou redesenhando o mapa do comércio internacional, uma vez que a rápida elevação da renda per capita, em conjunto com a diminuição do número de pessoas vivendo na linha da pobreza, apontou uma piora da distribuição da renda pessoal no país, dando espaço para um processo de formação de grandes fortunas. Há também nesse período a perda de terras cultiváveis para a indústria e uma urbanização rápida que causou grande migração campo-cidade, impulsionando deslocamento informal e acréscimo de mão de obra disponível a baixos custos e em precárias condições de trabalho e de vida (FERREIRA, 2016, p. 80). Logo, em meio a esse novo cenário urbano chinês marcado por arranha-céus e largas avenidas, aos moldes de Xangai, Shenzhen e Guangdong, a busca por trabalho, menores custos e melhores condições de vida foi o principal motivo para os deslocamentos de grande contingente de trabalhadores que optou por buscar trabalho em outros países.

De acordo com o Relatório das Migrações Internacionais (UNDESA, 2022), o país ficou em quarto lugar no ranking dos principais países de origem dos migrantes internacionais do mundo em 2020, com registro de 10 milhões de chineses difundidos por todos os continentes. Esses migrantes enviam grandes remessas de dinheiro, as quais, somente em 2021, beneficiaram o país com um total de 51 milhões de dólares.

Segundo o relatório de investimentos chineses no Brasil de 2021, divulgado pelo Conselho Empresarial Brasil – China (CARIELLO, 2021), desde meados dos anos 2000 a China ampliou sua atuação como investidor estrangeiro em diversos países. Na América Latina, os investimentos estão concentrados no Brasil, Peru, Argentina e Chile, nos setores de energia, mineração e agricultura. Com a criação do BRICS⁴ em 2009, houve um estreitamento das relações econômicas que permitiram uma série de investimentos, concentrados, principalmente, na região Sudeste, mas que também atingiram outras regiões. É nesse contexto economicamente favorável que algumas cidades nordestinas como Fortaleza (CE), Salvador (BA), Recife (PE), Maceió (AL), Natal (RN), São Luiz (MA) se inseriram nas rotas comerciais chinesas e se tornaram locais atrativos para muitos migrantes trabalharem no setor comercial.

Entre os anos de 2000 e 2020, segundo dados coletados com a Polícia Federal, a Paraíba registrou a entrada ou local de moradia de 870 migrantes oriundos da República Popular da China. Tais migrantes entraram principalmente pelo estado em questão (77,4%) e São Paulo (16,1%). Trata-se de uma população majoritariamente masculina (90,5%), solteira (77,6%), com idades variando entre 30 e 60 anos. Também foi observada uma discrepância em relação à entrada e ao registro do quantitativo anual de homens e mulheres, que sempre mostra percentuais inferiores. Dentre os amparos solicitados, os homens se destacam nos pedidos ligados ao trabalho, enquanto as mulheres nos amparos ligados ao casamento/prole. Entre 2000 e 2009, houve uma estabilidade nos registros de entrada, contudo é somente a partir de 2011 que se observa um aumento significativo desses números, tendo como período mais intenso de registros os anos de 2014 e 2016. Em 2020, há uma

⁴ Agrupamento de países de mercados emergentes: Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul.

drástica redução de fluxos de pessoas no país e no estado devido às restrições sanitárias contra a Covid-19 (DIMENSTEIN, 2021).

Em suma, nos últimos 20 anos, seja no Brasil, seja na região Nordeste, ou particularmente na Paraíba, além de grandes investidores, chegaram muitos migrantes chineses trabalhadores em busca de melhores condições de vida e que passaram a desenvolver atividades vinculadas ao setor terciário, principalmente, no comércio atacadista. A incorporação desses migrantes foi estimulada e facilitada pelas autorizações de trabalho – temporários e permanentes – concedidas e atualizadas pelo nosso Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), por meio da Lei n. 13.502 de 2017. Oliveira (2019) ressalta que, de fato, as mudanças na legislação promoveram o incremento da entrada de migrantes chineses no Brasil entre 2010 e 2019, os quais representaram o 6º lugar no número de registros no país nesse período. No entanto, destacou que tal migração apresenta características diferentes de outros grupos migrantes que chegaram ao Brasil no mesmo período, tais como os bolivianos, haitianos, estadunidenses, argentinos, colombianos e venezuelanos, que entre si também apresentam muitas diferenças.

Ou seja, há diferentes tipos de movimentos migratórios no Brasil. Os chineses constituem um grupo cujo perfil contemporâneo – em nível mundial – está intimamente atrelado às relações econômicas voltadas para a ampliação da influência do país no cenário internacional. Isso significa que nem fazem parte do grupo que chega em melhores condições, com contratos de trabalho no setor público e/ou privado, ou para realizar estudos pós-graduados, muito menos daquele composto pelos migrantes de países latino-americanos, que chegam ao Brasil em condições econômicas muito precárias, sem garantias e em extrema situação de vulnerabilidade. Tal perfil se deve à articulação prévia entre investidores chineses e o contingente de trabalhadores recrutados para ampliar a atividade comercial em várias partes do mundo. Existem redes transnacionais que articulam pessoas em vários países e organizam os deslocamentos e as trocas, as quais são chamadas de Guanxi⁵ (PINHEIRO-MACHADO, 2006, p. 9).

Além disso, conforme Cunha e Mello (2006, p. 160), caracteriza-se por: i) alto grau de mobilidade, pois nem todos se fixam no país de acolhida, ficando apenas temporariamente; ii) contato estreito com suas regiões de origem, por meio de redes de parentesco, solidariedade e lealdade – guanxi; iii) presença não somente de mão de obra barata para compor a força de trabalho, mas, também, de empreendedores que financiam seus próprios negócios no país de recepção.

Essas características dos migrantes chineses constituem elementos importantes e constitutivos das distintas formas de produzir existência e territorialidades nas cidades por onde passam, tal como pode ser observado em João Pessoa. Nesse sentido, a provisoriidade é uma marca da vida desses migrantes, a qual é compreendida enquanto condição física e subjetiva, refletindo-se nas suas relações com a cidade (DIMENSTEIN, 2021).

A presença chinesa no centro da cidade de João Pessoa (PB)

A presença chinesa em João Pessoa é um fenômeno que surgiu de forma discreta no final do século XX e que ganhou força entre os anos 2000 e 2002. Somente nos últimos anos (pré-pandemia) foi possível observar os migrantes de maneira mais intensa nas ruas, praças e comércios da cidade. A partir de 2013, a presença de um pequeno público chinês já era notada, mas em estabelecimentos

⁵ Seria uma atividade tradicional chinesa definida por uma rede relacional de conexões entre duas ou mais pessoas, a fim de garantir favores e benefícios mútuos nas relações pessoais, obtendo recursos através de uma cooperação contínua (SILVA, 2008).

afastados dos grandes focos comerciais centrais, vendendo produtos importados com o auxílio de mão de obra brasileira. De lá para cá, o cenário se transformou bastante.

No período entre 2013 e 2020, segundo o Sistema de Registro Nacional Migratório (SISMIGRA) do Departamento da Polícia Federal, a Paraíba registrou 870 migrantes oriundos da República Popular da China. Antes de 2000, parte dos migrantes entrou no país sem se registrar junto à Polícia Federal. No entanto, foi a partir de 2011 que se observou um aumento significativo, com o período mais intenso de registros no Estado ocorrendo entre 2014 e 2016. Nesse momento, notou-se empiricamente um considerável crescimento no número de estabelecimentos, que se ampliaram, com a maioria situada em ruas privilegiadas da região central da cidade, sempre com diversos vendedores à disposição. Conforme o IBGE (2019), o setor de comércio e serviços detém 59,7% do Produto Interno Bruto da capital paraibana, sendo um forte atrativo para os investidores.

Não à toa, em meio a esse intenso fluxo de entrada de migrantes chineses no Brasil e na Paraíba, as notícias veiculadas pelos jornais nacionais e locais (figura 1) produziram reações contraditórias entre a população local, já que ressaltavam tanto aspectos positivos quanto negativos dessa presença cada vez mais crescente. Alguns apontavam para a dinamização da economia das cidades pelos comércios chineses e para a variedade de produtos que chegavam aos lugares mais remotos. Outros, porém, relatavam a perda de clientes, a existência de sistemas de extorsão, a clandestinidade e situações de risco para os trabalhadores. Independentemente das diferentes percepções e das ambiguidades, a presença dos chineses tem sido um vetor de dinamização da área central da cidade, que ganhou contornos diferentes antes e após a pandemia.

Figura 1 - Notícias reportadas por jornais nacionais e locais sobre a presença chinesa na PB



Fonte: Brasil de Fato (2019), Jornal PB Agora (2018) e G1 Paraíba (2018)

A realidade pré-pandemia

Desde o início das nossas pesquisas sobre a migração chinesa em João Pessoa, foram feitos quatro mapeamentos dos estabelecimentos gerenciados por chineses no centro da cidade: em 2017, 2019, 2020 e 2021. Essas etapas auxiliaram na identificação das áreas com maior concentração de lojas chinesas, bem como permitiram acompanhar a organização, a expansão e a retração dos estabelecimentos no período.

Para identificá-los, foram considerados aspectos como: a presença asiática não somente no estabelecimento, mas sempre na área do caixa; os letreiros das lojas que apresentavam alguma referência à China (no nome, nas fotos, nos símbolos etc.); os produtos que, além de remeterem à cultura chinesa, traziam nomes, letras e explicações nessa língua; o tipo do produto que vendiam, em geral importados; e, em alguns casos, os vendedores brasileiros eram questionados sobre a origem de seus padrões.

A figura 2 mostra a delimitação do bairro Centro de João Pessoa, fornecendo contexto geográfico com as principais vias e o Parque Sólton de Lucena, popularmente conhecido como Lagoa, como pontos de referência. Podemos observar a distribuição espacial dos estabelecimentos chineses, destacando as áreas de maior concentração que estão nas ruas de maior fluxo de pedestres – Av. General Osório, Rua Duque de Caxias, Av. Visconde de Pelotas, Rua Santo Elias e Av. Dom Pedro I –, o que denota uma ocupação estratégica do centro, justamente nas áreas mais rentáveis.

Figura 2 - Delimitação do bairro do Centro de João Pessoa, com principais vias onde se concentram os estabelecimentos chineses na cidade



LEGENDA

- DELIMITAÇÃO DO BAIRRO CENTRO
- □ □ □ RUAS COM ALTA CONCENTRAÇÃO DE ESTABELECIMENTOS CHINESES
- ESTABELECIMENTOS CHINESES MAPEADOS



Fonte: A pesquisa (2021)

Os quatro levantamentos realizados indicam a localização de estabelecimentos chineses no centro de João Pessoa em diferentes datas: 10 de novembro de 2017, 22 de outubro de 2019, 10 de janeiro de 2020 e 21 de janeiro de 2021. Os mapas destacam os estabelecimentos que permaneceram abertos (remanescentes) e os que foram fechados ao longo desses anos (ver Figura 3):

- em 2017, havia 30 estabelecimentos chineses na área central, entre a Av. General Osório e a Rua Desembargador Souto Maior. Dentre estes: 09 eram lojas de vestuário, 13 eram lojas de produtos importados, 05 eram lojas de acessórios, como bolsas, bijuterias e óculos, e 03 eram restaurantes;
- em 2019, esse número aumentou para 43 estabelecimentos, encontrados desde o cruzamento da Av. Dom Pedro I com a Rua Santo Elias até a Guedes Pereira. Dentre estes: 05 eram lojas de vestuário, 24 eram lojas de produtos importados, 07 eram lojas de acessórios, como bolsas, bijuterias e óculos, 05 eram restaurantes e 02 eram papelarias;
- em 2020, antes da pandemia, foram identificados 44 estabelecimentos, havendo a abertura de apenas uma loja de importados;
- em 2021, em plena pandemia, 06 lojas fecharam (não ficou claro se as atividades foram totalmente encerradas ou se foi apenas um fechamento para atendimento às exigências sanitárias), o que reduziu o total para 38 estabelecimentos. Dentre estes: 03 eram lojas de vestuário, 22 eram lojas de produtos importados, 06 eram lojas de acessórios, como bolsas, bijuterias e óculos, 06 eram restaurantes e 01 era papelaria.

Figura 3 - Localização e números de estabelecimentos chineses encontrados em 2017, 2019, 2020 e 2021 no centro da cidade, com destaque para os que permanecem abertos e os que foram fechados



Fonte: A pesquisa (2021).

As territorialidades da presença chinesa na cidade podem ser evidenciadas em vários locais da área central da cidade (Figura 4), desde as fachadas dos casarões antigos, que estampavam nomes e marcas em outra língua, até as cores das fachadas, que remetiam aos tons de vermelho e laranja, associadas à prosperidade, além de símbolos e letreiros que mostram skylines asiáticos. Os produtos, além de remeterem à cultura chinesa, trazem nomes, letras e explicações nessa língua e apresentavam baixos preços.

Com relação à qualidade do espaço de trabalho, nas lojas não parecia existir grande preocupação espacial, podendo ser identificados vários ambientes improvisados (com caixas de papelão e papéis jogados no chão, mercadorias empilhadas em balcões e mobiliários, produtos acumulados em frente ao que está em exposição, dentre outros aspectos). As maiores lojas apresentavam a estética-padrão de lojas de departamento, com um visual simples, amplo e bem iluminado; já as lojas menores pareciam não seguir um padrão de organização e apresentavam uma estética menos atraente. A decoração interna de algumas lojas também manifestava a cultura através de cartazes, quadros, lamparinas, espadas, leques e outros elementos. Nota-se também o sincretismo presente em alguns produtos, combinando as duas culturas, principalmente em artigos religiosos.

Figura 4 - Loja chinesa no centro da cidade; Produto vendido na loja Pequim Importados; Ambiente comercial de loja chinesa e Comércio com presença chinesa na área do caixa.



Fonte: A pesquisa (2017 e 2019).

Sobre a dinâmica cotidiana das relações de trabalho, todos os funcionários consideram que os chineses são muito trabalhadores e esforçados. Essa é uma atividade central que articula gerações e redes de solidariedade translocais – *guanxi* – que se estendem por diversos países, até a China. Dedicam-se fortemente para atingir o objetivo de serem bem-sucedidos financeiramente, nem que sejam necessárias muitas horas de trabalho e em condições adversas, dentro de uma lógica de provisoriedade constante. Há uma forte hierarquia e são extremamente controladores em relação a tudo o que se passa nas lojas e aos funcionários, os quais estão sempre sob forte vigilância. Não era incomum que, além dos funcionários brasileiros e do caixa chinês, fossem encontrados familiares circulando pela loja, muitas vezes idosos, com essa função. Também era comum verificar essa vigilância no lado externo, geralmente feita por homens que ficam em pé observando o movimento de longe.

Sayad (1998) compreende que a condição de migrante é marcada pelo elemento da provisoriedade, o que faz com que este não desenvolva uma relação afetiva em maior profundidade com a sociedade de destino. Essa ausência de conexão com a cidade também pode ser percebida

no tratamento dos chineses com o espaço histórico vivenciado. Muitos dos seus estabelecimentos comerciais estão em casarões antigos tombados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (IPHAEP) e pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e ainda apresentam elementos arquitetônicos remanescentes do período eclético, art déco, protomodernos etc. (Figura 5).

Figura 5 - Lojas chinesas em edificações antigas no centro da cidade



Fonte: A pesquisa (2019, 2020).

Em conversa com o Superintendente Substituto do IPHAN-PB e com funcionários do setor de Arquitetura e Ecologia no IPHAEP-PB, foi explicado que, mesmo com o reconhecimento da presença chinesa na cidade, não houve nenhuma ação pública que tentasse dialogar e explicar as particularidades existentes nos imóveis centrais. Os funcionários das duas instituições patrimoniais apontaram que, em visitas realizadas a algumas edificações ocupadas por comerciantes chineses, não perceberam o interesse por parte deles em conhecer a história e a importância daquele espaço para a cidade, mas, sim, um impulso em utilizar a localização vantajosa para o comércio. Ao instalarem suas lojas nas edificações antigas, os chineses realizam uma série de reformas sem o consentimento dos órgãos reguladores e seguem uma linha de standardização decorativa, o que acaba descaracterizando os imóveis.

Por outro lado, podemos mencionar que as suas atitudes com relação ao ambiente histórico não diferem do que vemos entre os próprios brasileiros, os quais, antes da chegada dos chineses na cidade, já descaracterizavam e mostravam pouca preocupação com as edificações tombadas. Knack (2007) aponta que são diversos os motivos que levam a população a não se interessar pelo patrimônio edificado, por exemplo, os desafios diários na manutenção de obras que não têm reparos preventivos, ocasionando obras de restauração onerosas; a ideologia progressista de desenvolvimento econômico mais lucrativa, que implica abandono do passado; a ausência de uma identidade e memória com o local em meio ao mundo globalizado; a ausência de participação popular na manutenção e alterações de leis, dentre outros.

Um funcionário nos informou que as questões burocráticas referentes ao comércio chinês são realizadas por funcionários brasileiros contratados para facilitar trâmites e organizar as documentações segundo as normas do país. Portanto, quando existe alguma ação dos órgãos patrimoniais, fiscalização ou denúncia em edificações de comércios chineses, geralmente,

funcionários terceirizados são contatados para resolver os possíveis embargos, ficando o migrante alheio ao processo. Em visita feita aos arquivos do IPHAEP em 2019, pudemos encontrar 12 processos em lotes ocupados por chineses: 03 são denúncias de obras irregulares, 04 são pedidos para inserção de placas publicitárias, 03 são pedidos de reparos no imóvel, 01 pedido de reforma da fachada, 01 pedido de demolição do imóvel. Desses 12, apenas 04 são propriedades de donos chineses e os outros 06 são de proprietários brasileiros que estão alugando para inquilinos chineses.

Também é comum observar várias famílias morando em um mesmo edifício no centro da cidade. Aqueles que chegam em uma condição mais vulnerável vivem, muitas vezes, de forma precária nos pisos superiores dos estabelecimentos onde trabalham e sofrem com a fiscalização dos órgãos responsáveis.

É possível encontrá-los transitando a pé em circuitos intensos pelas ruas do centro (Figura 6). O fato de gerenciarem estabelecimentos comerciais familiares e de existir uma forte rede de relações entre os chineses produzia uma troca frequente de produtos e informações entre as lojas. Nesses momentos, pudemos perceber que a presença de migrantes chineses na cidade, em geral, é discreta e próxima aos seus locais de moradia e trabalho. Os que possuem uma condição econômica mais favorável realizam muitos dos trajetos cotidianos de uber ou em transportes privados. São raramente vistos circulando em outras áreas que não o centro, onde estão presentes de forma mais marcante.

Também presenciamos um comércio informal chinês (camelô) em uma das praças da área central. Essa foi a primeira vez que vimos essa forma de organização comercial entre a população chinesa. Trata-se de uma modalidade recente e estratégica, móvel, presente em locais antes não ocupados pelo comércio chinês e, muito provavelmente, associada à crise econômica e à perda do poder de compra dos brasileiros que vem ocorrendo nos últimos sete anos.

Foi possível perceber que as atividades de lazer da população chinesa são restritas e pouco visíveis, geralmente associadas aos momentos de descanso do trabalho. Os migrantes estão sempre ouvindo ou vendo programas chineses nos locais de lazer, mantendo-se conectados à China. As principais atividades de lazer observadas acontecem nas calçadas e praças do centro, quando estão fumando ou descansando do serviço.

Figura 6 - Vigilância chinesa em frente à loja; camelô chinês; chinês circulando a pé pelo centro e momento de descanso em frente da loja



Fonte: A pesquisa (2019, 2020).

A realidade pós-pandemia

Recentemente, deparamo-nos com um cenário bastante diferente do que havíamos visto até 2021. A área central aparentava estar menos movimentada, com diversos comércios e serviços fechados, uma redução da população residente e menos edificações com funções públicas, como a prefeitura municipal e as secretarias de estado etc. Observamos mais edificações abandonadas ou deterioradas, o que chamou a atenção das pesquisadoras e das reportagens jornalísticas locais, que apontam uma sensação de “esvaziamento” do centro.

Para Pavel (2020), um ponto de impacto da Covid-19 nas cidades está relacionado ao esvaziamento de bairros cujas atividades estão/estavam voltadas para o turismo. No ano de 2020, o IBGE apontou que 32,9% das empresas varejistas relataram uma queda nas vendas ou serviços, enquanto 31,4% enfrentaram desafios na produção de produtos ou no atendimento ao cliente. Além disso, 46,8% das empresas encontraram dificuldades para obter insumos, matérias-primas ou mercadorias de fornecedores, e 40,3% tiveram problemas para efetuar pagamentos rotineiros (GUIZZO et al., 2022). O jornal Metrópolis em 2023⁶ divulgou o impacto da pandemia no setor de bares e restaurantes entre março de 2020 e julho de 2021, apontando que quase 340 mil empresas do setor fecharam as portas e mais de 1,3 milhão de trabalhadores perdeu seus empregos.

A crise econômica desencadeada pela pandemia acirrou antigos preconceitos, estigmas e até sinofobia – sentimento antichinês ou contra a China. Esse tipo de situação ganhou enormes proporções nas mídias sociais. Ademais, o preconceito contra a China e a xenofobia contra os chineses têm sido estimulados por governos de direita como o ex-presidente brasileiro Jair Bolsonaro e o ex-presidente americano Donald Trump, que culpam o país asiático pela produção e disseminação da pandemia. Entendendo o contexto pandêmico num mundo globalizado, percebeu-se que esses fatores podem ter impactado a estabilidade do comércio chinês em João Pessoa.

Logo, instigadas por essas questões, realizou-se em abril de 2023 um novo mapeamento dos estabelecimentos que ainda estão em funcionamento e sendo gerenciados por chineses no centro da cidade (Figura 7). Para identificá-los, utilizou-se a mesma metodologia realizada nos mapeamentos feitos pré-pandemia.

⁶ Reportagem de Fabio Matos, disponível em: <https://www.metropoles.com/negocios/inflacao-e-maior-desafio-para-bares-e-restaurantes-diz-lider-do-setor>. Acessado em: 20 ago. 2023.

Figura 7 - Localização e números de estabelecimentos chineses encontrados em 2021 e 2023 no centro da cidade, com destaque para os que permanecem abertos e novas unidades



Fonte: A pesquisa (2023).

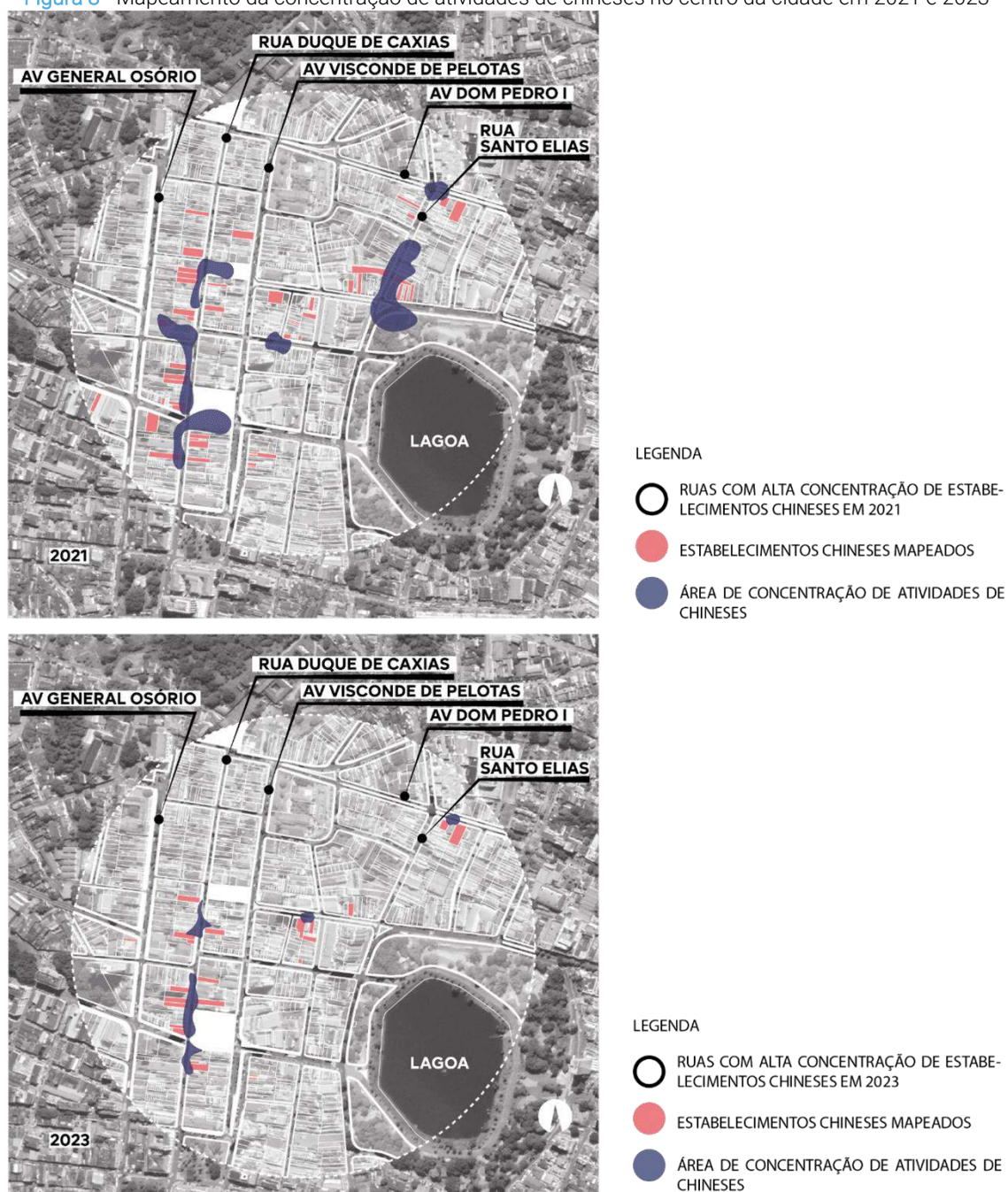
Em 2023, o número diminuiu para 22 estabelecimentos (19 remanescentes de 2021 e 03 novas lojas) encontrados desde a Av. Dom Pedro I até a Guedes Pereira; dentre estes: 02 eram lojas de vestuário, 13 eram lojas de produtos importados, 03 eram lojas de acessórios, como bolsas, bijuterias e óculos, e 04 eram restaurantes.

Comparando com 2020, período em que foi registrado o maior número de estabelecimentos chineses no centro (44), é possível mencionar que este caiu pela metade ao longo dos últimos três anos, durante e após a pandemia. Portanto, observando a concentração de atividades encontradas entre 2017 e 2021 e, logo depois, em 2023, pode-se afirmar que houve uma diminuição considerável

da presença chinesa na área central. Os locais onde estavam suas lojas e suas atividades comerciais, recreativas, de lazer e circulação já não se apresentam como tal. Uma pequena concentração ainda é notada nas Ruas Duque de Caxias e Elizeu César, onde podemos vê-los realizando as mesmas atividades nas calçadas, fumando, sentados olhando o celular, em pé de vigia e trocando mercadorias entre as lojas.

A figura 8 mostra um mapa comparativo da área estudada, destacando a concentração de atividades realizadas por chineses que foram observadas em duas épocas diferentes: 2021 (à esquerda) e 2023 (à direita). É notável uma dinâmica de atividades mais intensa ao longo das ruas com maior quantidade de estabelecimentos. Contudo, em 2023, foi percebida uma diminuição dessa presença no espaço, tornando-se mais difícil a sua identificação.

Figura 8 - Mapeamento da concentração de atividades de chineses no centro da cidade em 2021 e 2023



Fonte: A pesquisa (2023).

A configuração da presença atual chinesa na região central de João Pessoa indica que, até 2020, havia muitos asiáticos proprietários, gerentes ou trabalhadores de lojas ocupando o centro da cidade, presença que impactou fortemente na dinâmica local. Não restam dúvidas de que esse grupo migrante imprimiu transformações na ordem urbana na região central de João Pessoa, formando um nicho étnico e comercial conectado mundialmente pelas redes de amizade e parentesco. A presença dos migrantes chineses ao longo da última década, além de impactar com elementos culturais que reportam à sua cultura espalhados pelas ruas do centro, produziu percepções sociais diversas, as quais instigaram práticas e relações sociais complexas que foram se estabelecendo entre os chineses, a população local e o lugar. Com a chegada da pandemia, houve redução significativa do comércio e da sua presença na região.

Contudo, como dito anteriormente, não se pode atribuir o fechamento de vários comércios chineses somente à pandemia. É preciso considerar as estratégias operadas por esse grupo migrante, como o deslocamento para outras áreas da cidade ou até mesmo para outras regiões, bem como o investimento no comércio on-line. A diversificação das estratégias comerciais, a rapidez dos deslocamentos e a migração para outras áreas etc. determinam uma territorialidade muito própria do migrante chinês, a qual tem relação direta com seu perfil e com as práticas cotidianas em termos de trabalho, moradia, lazer e circulação na cidade, mas também com o cenário econômico mundial e de globalização financeira que exige a livre mobilidade dos capitais e dos trabalhadores.

Considerações finais

Todos os elementos até agora apresentados em relação às territorialidades produzidas pelos chineses e sua presença na cidade indicam que a lógica da provisoriedade é soberana, tanto quanto a permanência e a fixação nos valores tradicionais e na pouca sociabilidade com a realidade local. Independentemente de onde estejam, a China – territorial e culturalmente – é a realidade cotidiana e seu ponto de ancoragem. Nesse sentido, um aspecto que não pode ser negligenciado é a fragilidade de conexão e de laços com a cidade, refletindo-se na forma como ocupam o centro e muitos dos prédios históricos onde desenvolvem suas atividades comerciais.

Nossa pesquisa detectou que muitos dos estabelecimentos comerciais ocupados pelos chineses estão em casarões antigos tombados pelo IPHAEP e pelo IPHAN, que ainda apresentam elementos arquitetônicos de períodos anteriores. Ao instalarem suas lojas nas edificações antigas, os chineses seguem uma lógica cotidiana de reformas sem o consentimento dos órgãos reguladores e uma linha de standardização que acaba descaracterizando os imóveis.

Não se desconhece que, no decorrer do século XX, segundo Silva (2015), a região central passou por várias transformações que, aliadas à expansão da cidade para outras áreas e à ideia de decadência a ela associada, modificaram o seu perfil original de uso e de ocupação, reduzindo significativamente os espaços residenciais, tornando-se um espaço de comércio popular. Nessa direção, os migrantes chineses que foram chegando à cidade passaram a ocupar o centro da cidade, imprimindo suas características, criando territorialidades sempre cambiantes, reforçando a lógica de indiferença e desapego que marca o perfil migrante contemporâneo, assim como o descaso histórico que há em nosso país e no mundo globalizado com a preservação do patrimônio histórico.

Antes de 2020, os relatórios internacionais e nacionais de migração mostravam que em todo o planeta havia um aumento dos fluxos migratórios que vinham impactando, direta e indiretamente, na política, na economia e no sistema sociocultural de um país ou cidade. Contudo, com a pandemia da Covid-19, os movimentos migratórios internacionais sofreram uma série de restrições, a exemplo das

medidas de isolamento e distanciamento social recomendadas pelas autoridades médicas, o que acarretou medidas mais duras de circulação de pessoas por parte dos órgãos de fiscalização, que, aliadas às políticas de controle mais conservadoras, provocaram uma redução considerável de entradas e saídas de pessoas em diversos países, incluindo o Brasil.

Embora esses dois fenômenos – migração internacional e pandemia – venham sendo bastante estudados em grandes cidades, notadamente em países do hemisfério norte, ainda não são muito discutidos em centros menores, sobretudo, naqueles localizados em países periféricos. Apesar de a Paraíba não ser um dos principais estados receptores de migrantes no Brasil, o Departamento da Polícia Federal registrou quase mil migrantes chineses apenas na capital João Pessoa entre 2000 e 2020.

Contudo, essa presença, que teve forte ascensão na última década e que esteve concentrada, principalmente, no comércio do centro da cidade, atualmente se faz mais discreta, mostrando uma redução considerável dos empreendimentos vistos anteriormente. Essa desaceleração econômica não é restrita apenas ao público chinês no centro, uma vez que grande parte dos estabelecimentos comerciais e de serviço na área parece ter sido impactada pelas consequências da pandemia. Porém, a diminuição da presença chinesa no centro de João Pessoa guarda algumas particularidades.

A primeira delas diz respeito à estreita associação entre os fortes movimentos de reconversão desse grupo social em direção a lugares mais atrativos economicamente ou para o comércio eletrônico e o perfil atual do migrante chinês no mundo, atrelado ao processo de globalização e ao modo de organização do capital financeiro. Caracteriza-se por ser um migrante transnacional e flexível que se mantém conectado com o seu país de origem por meio de relações translocais e coétnicas.

A segunda particularidade é que se trata de um perfil masculino, jovem, solteiro, com ampla mobilidade e com reduzido e homogêneo universo de relações sociais, preferencialmente focadas na China. As territorialidades produzidas por esse tipo de migrante, antes e após a pandemia, em pouco se diferenciam. O cotidiano é manejado com base em esquemas culturais já conhecidos e pouco permeáveis. São territorialidades marcadas pela superficialidade e distância social, em que a questão da inclusão e do sentido de pertencimento parece não ser elemento imprescindível à vivência na cidade.

Referências

- ALFAYA, T. (2018). *Feiraguay ou Chinafeira? Um estudo organizacional sobre a inserção de chineses no Feiraguay, Feira de Santana, BA*. Tese de doutorado em administração. Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- AMORIM, M. (2016). O imigrante chinês no Brasil e sudeste: Uma análise dos dados do CENSO 2010 e do SINCRE – Polícia Federal de 2000 a 2014. *Caderno de Geografia*, 26(1), 182. <https://doi.org/10.5752/p.2318-2962.2016v26nesp1p182>
- BRASIL. (2017). *Lei Federal nº 13.445/17, de 24 de maio de 2017*. Dispõe sobre a Lei de migração. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF.
- CARIELLO, T. (2022). *Investimentos chineses no Brasil 2021, um ano de retomada*. Conselho Empresarial Brasil-China. Disponível em: <<https://www.cebc.org.br/2022/08/31/estudo-inedito-investimentos-chineses-no-brasil-2021/>>. Acessado em 15. abr. 2023.
- CAVALCANTI, L; OLIVEIRA, T.; SILVA, B. G. (2022). Dados Consolidados da Imigração no Brasil 2021. *Série Migrações*. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF: OBMigra.
- COSTA, E. U. C. (2018). Uma etnografia da comunidade chinesa na cidade de São Gonçalo, Rio de Janeiro. *Idéias*. V. 9 n. 2. <https://doi.org/10.20396/ideias.v9i2.8655187>
- CUNHA, N.; MELLO, P. (2006). Libaneses e chineses: sucessão, conflito e disputa numa rua de comércio do Rio de Janeiro. *Anuário Antropológico*, v. 1, p. 155-169. Disponível em: <<https://app.uff.br/riuff/handle/1/12067>>. Acessado em: 20 ago. 2022.
- DIMENSTEIN, M. (2021). *Experiências urbanas da migração: reflexões sobre chineses e venezuelanos na cidade de João Pessoa/PB*. Tese de doutorado em Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.
- ESTAMBASSI, R. (2018). *Dificuldades enfrentados por chineses para fecharem negócios no Brasil*. Dissertação de mestrado profissional em Administração de empresas. Fundação Getúlio Vargas, São Paulo.
- FECHAMENTO de 200 lojas em João Pessoa é consequência do abandono do Centro Histórico, diz diretor da CDL. *ClickPB/Paraíba*. João Pessoa, 17 de fev. de 2021. Disponível em: <<https://www.clickpb.com.br/paraiba/fechamento-de-200-lojas-em-joao-pessoa-e-consequencia-do-abandono-do-centro-historico-diz-diretor-da-cdl-301878.html>>. Acessado em: 8 ago. 2023.
- FERREIRA, E. (2016). *Migração internacional e economia urbana: os chineses no território cearense*. Dissertação de Mestrado em Geografia. Universidade Federal do Ceará.
- FERREIRA, E. S., & BOMTEMPO, D. C. (2018). A China que ninguém vê: migrantes chineses no centro comercial das cidades cearenses. *Boletim De Geografia*, 36(1), 48-61. <https://doi.org/10.4025/bolgeogr.v36i1.33906>
- GUIZZO, M.; DIAS, M.; NAGAMATSU, R., FAVORETO, J. (2022). A pandemia covid-19, mudanças no comércio varejista e os novos espaços de consumo. *Revista Percurso – NEMO*, v. 14, n.2, p. 99-115. Disponível em: < <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Percurso/article/view/66270>>. Acessado em: 09 ago. 2024.
- GOES, A. G. D. S., SOUZA, M. J. B., & ENNES, M. A. (2020). Mecanismos de solidariedade étnica/nacional e imigração. *Plural*, 27(1), 90-113. <https://doi.org/10.11606/issn.2176-8099.pcso.2020.171530>
- GOODKING, D. (2019). The Chinese Diaspora: Historical Legacies and Contemporary Trends. *Census do Governo americano*. Departamento de comercio e economia. Disponível em: <https://www.census.gov/content/dam/Census/library/working-papers/2019/demo/Chinese_Diaspora.pdf>. Acessado em: 28 abr. 2022.
- HAESBAERT, R. (2001). Da desterritorialização à multiterritorialidade. *Anais do IX Encontro Nacional da ANPUR*. Vol. 3. Rio de Janeiro: ANPUR.
- IBGE (2010). Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo Demográfico e Contagem populacional 2010*. Disponível em:

- <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/indicadores_sociais_municipais/indicadores_sociais_municipais.pdf>. Acessado em: 20 ago. 2023.
- KNACK, E. (2007). *Modernização do Espaço Urbano e Patrimônio Histórico: Passo Fundo, RS*. Dissertação de Mestrado em história. Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo.
- LITTLE, P. E. (2018). Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma antropologia da Territorialidade. *Anuário Antropológico*, 28 (1), 251-90. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/anuarioantropologico/article/view/6871>>. Acessado em: 13 mar. 2023.
- MATOS, F. Inflação é maior desafio para bares e restaurantes, diz líder do setor Paulo Solmucci, presidente da Associação Brasileira de Bares e Restaurantes, vê recuperação no pós-pandemia, mas alerta para inflação. *Metropolis*, Brasília, 13 de jan. de 2023. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/negocios/inflacao-e-maior-desafio-para-bares-e-restaurantes-diz-lider-do-setor>>. Acessado em: 8 ago. 2023.
- NEVES, T. DE C., VASCONCELOS, P. B., & LACERDA, N. (2022). Trajetórias chinesas em rotas de comercialização: implicações nos centros históricos do Brasil a partir do caso Recife - PE. *GEOgraphia*, 24(52). <https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2022.v24i52.a46968>
- OLIVEIRA, A. (2019). A imigração regular no Brasil: movimentação e registro. Em Cavalcanti, L; Oliveira, T.; Macedo, M. Imigração e Refúgio no Brasil. Relatório Anual 2019. *Série Migrações*. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério do Trabalho/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração. Brasília, DF: OBMigra.
- PAVEL, F. (2020). Em que casa fico? Reflexões acerca do direito à cidade e à habitação em tempo de COVID-19. *Finisterra - Revista Portuguesa de Geografia*, (114), 203-206. <https://doi.org/10.18055/Finis19764>
- PEREIRA, J. O., & BRASIL, M. V. (2021). O comércio praticado por chineses na capital da fé carirense. *Revista Gestão Em Análise*, 10(2), 48. <https://doi.org/10.12662/2359-618xregea.v10i2.p48-61.2021>
- PINHEIRO-MACHADO, R. (2006). (Re) pensando a diáspora chinesa: Fluxos globais e dinâmicas locais da imigração contemporânea. *30º Encontro Anual da ANPOCS*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <<https://anpocs.com/index.php/papers-30-encontro/gt-26/gt12-20/3335-rmachado-repensando/file>>. Acessado em: 20 ago. 2023.
- RAMOS, T. (2016). *Xangai e o devir urbano chinês: das cidades do meio do mundo às ruínas do futuro*. Dissertação de mestrado em Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- SAYAD, A. (1998). *Imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo, Edusp.
- SILVA, C. (2018). Conexões Brasil-China: a migração chinesa no centro de São Paulo. *Cadernos Metrópole*, 20(41), 223–243. <https://doi.org/10.1590/2236-9996.2018-4111>
- SILVA, C. (2015). *Ser/estar/viver invisível: avaliando as condições de habitabilidade e informalidade das habitações coletivas precárias de aluguel no bairro Varadouro, João Pessoa-PB*. Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.
- SILVA, M. (2008). *Guanxi nos trópicos: um estudo sobre a diáspora chinesa em Pernambuco*. Dissertação de mestrado em Antropologia. Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- UNDESA. (2022). *International Migration Report 2022*. Nova York: United Nations, Department of Economic and Social Affairs, Population Division.
- VERAS, M.; VILLEN, P. (2020). A provisoriedade definitiva como ótica analítica do trabalho e da moradia para imigrantes. In Dias, G; Bógus, L. Pereira, J. Baptista, D. (orgs.). *A contemporaneidade do pensamento de Abdelmalek Sayad*. São Paulo: EDUC.
- WANG, Z. (2014). *The determinants of chinese and brazilian foreign direct investment outflows*. Dissertação de mestrado em Relações Internacionais. Universidade de São Paulo, SP.